



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO**



**INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE
EMPREENHIMENTOS ECONÔMICOS E SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

LUMA RAISSA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA NO PROCESSO DE AUTOGESTÃO NO ASSENTAMENTO FAZENDA
MATA NO MUNICÍPIO DE AMPARO - PB**

SUMÉ – PB

2017

LUMA RAISSA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA NO PROCESSO DE AUTOGESTÃO NO ASSENTAMENTO FAZENDA
MATA NO MUNICÍPIO DE AMPARO - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky.

SUMÉ – PB

2017

S586i Silva, Luma Raissa da.

A importância da Educação de Jovens e Adultos e da economia solidária no processo de autogestão no assentamento fazenda Mata do município de Amparo-PB. / Luma Raissa da Silva. - Sumé - PB: [s.n], 2017.

47 f.

Orientador: Prof. Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano.

1. Educação. 2. Ensino de Jovens e Adultos. 3. Economia solidária. I. Título.

CDU: 374.7 (043.1)

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA NO PROCESSO DE AUTOGESTÃO NO ASSENTAMENTO FAZENDA
MATA NO MUNICÍPIO DE AMPARO - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky.

Orientador – CH/UFCG

Prof^ª. M. Sc. Thelma Flaviana Rodrigues dos Santos.

Examinadora I

Prof^ª. Dr^ª. Norma Maria de Oliveira Lima.

Examinadora II – CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: ____ de junho 2017.

SUMÉ - PB

Dedico este trabalho ao meu Deus. Pois até aqui, me ajudou o Senhor.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus por até aqui ter me sustentado, me dado graça e forças para vencer mais este desafio. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor. Não tenho palavras para descrever minha gratidão pela sua fidelidade e misericórdia para com a minha vida.

De modo especial, à minha mãe Lucicleide Batista da Silva. Pessoa na qual, abaixo de Deus, devo tudo que tenho e tudo o que sou. Obrigado por todo seu apoio e incentivo aos meus estudos, além de toda dedicação. Só uma mãe para ter tamanho amor e cuidado. Eu Te amo! E que Deus te retribua, àquilo que assim eu não puder.

A João Paulo de Souza Miranda e sua mãe, Josinalda Neusa de Souza. Não só pela estadia em sua casa todas as vezes que precisei como agradeço também, pelo incentivo aos meus estudos.

À minha amiga Fabiana Machado de Lima. Pois me incentivou a participar desde o primeiro momento, e por todo apoio e ajuda no decorrer do curso e dos trabalhos, principalmente nas dificuldades. Sabemos nós duas e Deus, o que passamos. Sou muito grata a ti. Que Deus te abençoe.

Aos meus amigos de curso, pelos dois anos de maravilhosas (trocas) experiências. Em especial, Iara Soares do Nascimento e Juliana de Cássia Gonçalves pelas contribuições na minha formação acadêmica e crescimento pessoal. Amo vocês.

Aos professores que fizeram parte do corpo docente durante esta trajetória, me proporcionando a oportunidade de acesso ao conhecimento e sua diversidade; muitas delas, vivenciadas não só na teoria como também na prática.

Ao meu professor-orientador, Mário Henrique Guedes Ladosky pela contribuição no decorrer do Curso e principalmente, durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa com suas sábias orientações.

Por fim, à Universidade Federal de Campina Grande, mais especificamente, ao Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDSA Sumé - PB, a Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários por meio do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, pela oportunidade de honrosamente receber este título de Especialista.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da Economia Solidária no processo de autogestão no Assentamento Fazenda Mata no município de Amparo-PB. A pesquisa é baseada no método qualitativo, através de relatos dos próprios moradores do Assentamento e o instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista. O intuito das entrevistas foi analisar as contribuições da Educação de Jovens e Adultos no contexto em que estes sujeitos estão inseridos para ascenderem socialmente não só na aquisição de saberes, como também, na aplicação destes conhecimentos em seu cotidiano para um melhor aproveitamento e beneficiamento de suas atividades diárias, e consequentemente, das desenvolvidas na Associação. Investiga-se se estas ações, de fato, seguem os princípios econômicos solidários de comércio justo priorizando a autonomia e a democracia entre seus associados com atividades autogestionárias, em que não há a figura de um patrão, mas da igualdade de direitos e de responsabilidades de todos em prol do desenvolvimento do indivíduo e de uma melhor qualidade de vida, através de um processo de conscientização e emancipação dos sujeitos na produção de bens e serviços, com a prática de solidariedade na construção da autonomia coletiva.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Economia Solidária. Autogestão.

ABSTRACT

The present work aims to discuss the importance of Youth and Adult Education and Solidarity Economy in the self-management process in Fazenda Mata Settlement in the municipality of Amparo-PB. The research is based on the qualitative method, through reports of the residents of the Settlement itself and the technique used was the interview. The purpose of the interviews was to analyze the contributions of Youth and Adult Education in the context in which these subjects are inserted to ascend socially not only in the acquisition of knowledge but also in the application of this knowledge in their everyday life for a better use and improvement of their Daily activities, and consequently, those developed in the Association. It is investigated whether these actions, in fact, follow the economic principles of solidarity fair trade prioritizing autonomy and democracy among its associates with self-management activities, in which there is no figure of a boss, but equality of rights and responsibilities of All for the development of the individual and a better quality of life, through a process of awareness and emancipation of the subjects in the production of goods and services, with the practice of solidarity in the construction of collective autonomy.

Keywords: Youth and Adult Education. Solidarity economy. Self-management.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	OBJETIVOS.....	10
1.1.1	Objetivo geral:.....	10
1.1.2	Objetivos específicos:	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS DA EJA	11
2.2	A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A AUTOGESTÃO.....	15
3	METODOLOGIA	23
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE	42
	ANEXO	43

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar o processo da autogestão no Assentamento Fazenda Mata, localizada no município de Amparo – PB, levando em consideração a importância da Educação de Jovens e Adultos – EJA e da Economia Solidária no seu desenvolvimento.

Sabe-se que as pesquisas desenvolvidas acerca destes temas não são consideradas recentes na bibliografia, mas é válido destacar os espaços que ambos, respectivamente, têm conquistado e expandido na sociedade. Inicialmente serão abordados os conceitos adotados, bem como os procedimentos metodológicos nesta pesquisa.

Além de apresentar como se dá o desenvolvimento do processo de autogestão no Assentamento, destaca-se também a importância da EJA não apenas como um ensino voltado para erradicar o analfabetismo, mas também como modalidade de ensino para aqueles alunos que não tiveram oportunidade e acesso a educação na idade prevista. Faz-se necessário enfatizar seu papel como inclusão destes indivíduos em sociedade, tornando-os sujeitos críticos-reflexivos para atuar em seu meio de forma mais consciente e humanizadora.

O outro eixo abordado é o da Economia Solidária, entendida como o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição e consumo que tem como princípios a cooperação, a solidariedade, a emancipação e a autogestão.

Esta monografia divide-se em cinco capítulos: no primeiro apresenta-se a contextualização em relação ao tema proposto em que se enfatizam também os objetivos e a relevância do trabalho. No segundo, o referencial teórico apresenta algumas considerações a respeito da Educação de Jovens e Adultos e sua importância no processo de ensino. Junto a isso, apresenta-se a Economia Solidária como processo de autogestão e alternativa de gerar trabalho e renda. No terceiro, a metodologia empregada na pesquisa com evidência à descrição de todas as etapas e as premissas utilizadas, visando atingir os objetivos deste estudo. No quarto, o resultado da pesquisa. Por fim, o quinto capítulo com as considerações finais.

Em resumo, a investigação da referida pesquisa analisou as contribuições da Educação de Jovens e Adultos - EJA no processo de conscientização dos sujeitos, como também o desenvolvimento da Economia Solidária no Assentamento Fazenda Mata, além de ressaltar a importância da educação com práticas pedagógicas e ações inovadoras e emancipatórias como forma alternativa de geração de trabalho e renda, a partir de um projeto democrático de sociedade. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir de forma significativa para uma maior visibilidade do campo atuado e sirva de fomento de pesquisas nesta temática.

A indagação que permeia nossa pesquisa é: Quais as possíveis relações entre a Educação de Jovens e Adultos e a Economia Solidária no processo de autogestão no Assentamento Fazenda Mata no município de Amparo-PB?

A motivação e o sentido da investigação partiu do interesse em aprofundar a compreensão sobre a prática da solidariedade – que (e como) acontece? – em um Assentamento situado no município em que moro, através da Associação, e que só tive a oportunidade de conhecer através da pesquisa. Não tenho relação de modo geral com o Assentamento, mas tenho com alguns assentados, inclusive com os que foram entrevistados a exemplos dos professores que foram meus companheiros de profissão em turmas da EJA, porém, na zona urbana do município.

O questionamento em que se baseia esta investigação, portanto, partiu de minha experiência pessoal/profissional em Amparo, razão pela qual buscou-se subsídios dentro do contexto da Educação de Jovens e Adultos, em que foi possível observar as relações com a Economia Solidária no que diz respeito ao processo de autogestão na comunidade e no processo da formação destes cidadãos para um melhor aproveitamento do seu trabalho e dos recursos materiais disponíveis em suas vidas gerando emprego e renda.

Esta pesquisa justifica-se pelo crescimento da Economia Solidária e o espaço que esta vem adquirindo em sociedade. E como faz paralelo com a Educação de Jovens e Adultos, é de extrema importância destacar sua relevância no processo de conscientização destes sujeitos e de suas possibilidades e responsabilidades para o desenvolvimento do trabalho qualificado e bem estruturado segundo ações e atitudes pedagógicas que condigam com a realidade de seu cotidiano. Inclui-se neste trabalho, a análise das contribuições da EJA pautada no planejamento de ações que faz do agricultor um empreendedor solidário de seu negócio. São através de suas práticas econômicas e sociais organizadas que estes indivíduos desenvolvem seu caráter emancipatório e desalienam suas mentes, construindo assim, um processo de conscientização de sua realidade concreta.

Assim compreendida, a educação é a porta do conhecimento. O conhecimento que vai além das aparências e que serve como espaço de formação de práticas inovadoras e emancipatórias para ampliar a visão de mundo dos educandos, neste caso, dos alunos da EJA, na articulação dos seus saberes. Sejam estes, populares ou científicos para integrar lutas mais amplas, compreendendo que a educação não é forma única e sim, uma construção coletiva. E como se propôs a analisar sua relação com a Economia Solidária, a educação é entendida como construção de uma autonomia coletiva.

Neste trabalho procurou-se caracterizar e apontar as contribuições da EJA no processo de conscientização dos indivíduos e na produção de bens e serviços, observando e identificando a

importância da Economia Solidária no processo de emancipação do sujeito baseado na solidariedade analisando o desenvolvimento do processo de autogestão, bem como, na construção da autonomia coletiva e empreendedora.

Com isso, propôs-se mostrar a importância e as possíveis contribuições da educação e do trabalho, gerando emprego e renda, envolvendo todos os associados do Assentamento Fazenda Mata.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral:

Analisar as possíveis relações existentes entre a EJA e a Economia Solidária no processo de autogestão

1.1.2 Objetivos específicos:

- Apontar as contribuições da Educação de Jovens e Adultos no processo de conscientização dos indivíduos na produção de bens e serviços;
- Investigar a importância da Educação e da Economia Solidária no processo de emancipação do sujeito através da prática de solidariedade;
- Analisar o desenvolvimento da Economia Solidária na construção da autonomia coletiva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS DA EJA

Investigar as possíveis relações entre a EJA e a Economia Solidária como processo de autogestão, implica também em pensar e refletir o ensino na formação destes trabalhadores atentando para as questões sociais de uma forma mais consciente e humanizadora. A EJA proporciona meios e métodos para que os alunos possam se apropriar de práticas pedagógicas fundamentadas na relação educação e trabalho como forma de assumirem sua própria Associação ou Cooperativa e se constituírem produtores e consumidores de seu próprio alimento em um processo autogestionário.

Compreende-se a importância que tem a EJA no contexto em que seus indivíduos estão inseridos visando muito mais que a aquisição de conhecimentos, através das disciplinas formalistas. Os sujeitos almejam através da educação a inclusão e a ascensão sócio-cultural com práticas voltadas para um melhor aproveitamento de suas atividades na sua realidade local.

Desta forma, além de tentar estabelecer um vínculo entre a educação e o trabalho, é possível, através dos processos educativos, tentar resgatar a dignidade e a valorização do trabalhador criando possibilidades de relações sociais pautadas no respeito, na igualdade, na solidariedade e na democratização. Bases que contribuem não apenas para a construção de uma sociedade diferente, mas também, proporcionam uma modalidade de ensino para àqueles que não tiveram acesso ao ambiente escolar, apresentando um novo caminho que se articula na tentativa de inclusão social.

Constituída pela Lei 9.394/96, a Educação de Jovens e Adultos assume o lugar do antigo supletivo e passa a ser modalidade específica da Educação Básica, com práticas pedagógicas modificadas para o desenvolvimento de um ensino formalizado. De caráter inovador, vem para acessibilizar conhecimento àqueles que por diversos fatores não tiveram direito à escolarização.

Sabe-se que é através de financiamentos que a Educação de Jovens e Adultos está condicionada. Entretanto, no nosso país, esta modalidade é considerada precária em termos de qualidade com ofertas extremamente reduzidas, embora tenha se valido em determinadas épocas, de recursos vinculados a esta. Décadas se passaram, e percebe-se que muito pouco tem sido feito e investido, relegando a EJA a uma posição de marginalidade. E é justamente esses entraves e limites e a própria falta de recursos que impedem o cumprimento e a garantia

dos direitos dos jovens e adultos à universalização da educação, ou melhor, a uma educação de qualidade.

E é neste contexto, que o governo em todas as esferas ganha destaque, uma vez que adotam parcerias para a colaboração nos programas de alfabetização e escolarização de jovens e adultos. Torna-se notório que o objetivo destas parcerias com os movimentos ou organizações sociais tem interesses puramente eleitoreiros. Mas vale ressaltar que a EJA se constitui como um interesse público, e vai muito além, quando a questão é a auto-organização das próprias comunidades para satisfazer as necessidades, que os governos não contemplam ou, não fazem de modo adequado à realidade. Aprender a ler, a escrever e a contar supera e ultrapassa as questões formativas quando seu real interesse é o processo de conscientização e, portanto, de emancipação para atuar de forma eficaz e participativa na sociedade. E mais, na qualificação profissional enquanto trabalhadores.

Ensinar é uma prática social, algo complexo, que ultrapassa os “muros da escola”. Por isso, é importante aprender e desenvolver metodologias significativas para o ensino, isto é, para qualificá-lo. São os professores que tem a capacidade de desconstruir os discursos antidemocráticos, monoculturais e preconceituosos, uma vez que atua em diferentes espaços educativos.

A EJA deve ter um currículo não apenas voltado pelas propostas de conteúdo a ensinar, mas também por todos os demais aspectos da realidade escolar. Pois o intuito não se resume a dominar e fazer dos educandos um recipiente de depósitos, mas sim, de libertá-los. De torná-los investigadores críticos, sujeitos de suas próprias histórias estabelecendo uma forma autêntica de pensar (transformar) e atuar em si mesmo e no mundo, reforçando a ideia de mudança na luta por sua emancipação.

Tanto na perspectiva das relações sociais quanto na economia solidária, pretende-se abordar a questão do processo educativo. “Pois a economia se caracteriza como uma forma de resistência e sobrevivência dos indivíduos excluídos do atual sistema econômico vigente” (SILVA, 2013).

A educação, por sua vez, é um fator de extrema relevância, uma vez que pode atuar, através de atos pedagógicos, como modos de capacitação do trabalhador. Pode ainda: gerar qualidade de vida, promover o desenvolvimento sustentável, atentar para as questões fundamentais da sociedade e preservar o meio ambiente.

Para Paul Singer:

Fica claro que a prática da economia solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem que ser coletiva,

pois ela deve ser de todos que efetuam em conjunto a transição, do modo competitivo ao cooperativo de produção e distribuição. (SINGER, 2005, p. 16)

Desse modo, pode-se observar uma pedagogia de produção associada e uma aprendizagem nas vigências da autogestão em uma nova percepção do processo produtivo, no qual o trabalhador está inserido. É o que Silva (2013) vai chamar de trabalho coletivo, em que afirma:

O trabalho coletivo promove a interação entre os associados, e conseqüentemente, o compartilhamento de experiências acumuladas, sendo a partir das relações sociais, que se constroem novos conhecimentos. Também, é através da união que os indivíduos conquistam suas autonomias e se reeducam para uma nova forma de produção. Este novo modo de produção caracterizado pelos princípios da economia solidária, exige novos processos educativos [...] (SILVA, 2013, p. 22-23)

Sabe-se, no entanto, que no trabalho coletivo há problemas que se refere ao cotidiano, uma vez que convivem com pessoas diferentes, cada uma com sua opinião e visões de mundo diferentes. Além do medo de não ser empreendedor e de fracassar. E é justamente neste momento, que a educação entra mais uma vez em cena, pois é através dela que as mentes destes trabalhadores serão desalienadas, conscientizadas e emancipadas. Afinal, devem agir em grupos com um espírito cooperativo e coletivo em que terão “lucros” igualitários, caso contrário, a economia solidária perde seu caráter de solidário.

Diante disto, faz-se necessário que a igualdade, a inclusão e a justiça social possibilitem, através da educação, o direito pelo pleno desenvolvimento da vida em sociedade.

Beserra (2013) a respeito da Educação de Jovens e Adultos afirma que

A Educação de Jovens e Adultos – EJA, numa concepção ampliada, identifica a educação como direito de aprender, de expandir conhecimentos ao longo da vida, e não apenas de se escolarizar, levando em consideração o contexto do educando, bem como as situações de aprendizado que vivenciam em todo o percurso de sua formação [...] (BESERRA, 2013, p.9)

É muito importante que o educador tenha uma postura diferenciada, do ponto de vista prático-metodológico e que se utilize de estratégias motivadoras para estimular a frequência e a permanência destes educandos na escola.

Os conteúdos trabalhados com o público da EJA, por sua vez, devem manter relações com o seu cotidiano, pois os sujeitos possuem suas diferentes trajetórias e experiências de vida, tornando-se assim, fundamental um processo pedagógico que aposte em uma educação solidária, coletiva e transformadora. Isto é, uma educação que vise à valorização do sujeito em sua pluralidade, seus saberes de vida, com práticas pautadas na coletividade e no diálogo sob

a ótica da emancipação visando ações progressistas em que tenham a escola como espaço de aprendizagem para a formação não só dos cidadãos, como também, para a transformação da sociedade.

É necessário enfatizar, portanto, as capacidades individuais e criativas de cada um, seu conhecimento de mundo, suas experiências como sendo fundamentais para o processo socioeconômico cultural.

Conhecido por seu processo de alfabetização, Paulo Freire foi o primeiro a utilizar o termo “leitura de mundo”. Para ele, antes de a pessoa ser alfabetizada e aprender a decodificar, ela já saberia ler implicitamente, isto é, não as palavras de um livro, mas, ler a vida. Aprender a ler e a escrever é, antes de tudo, aprender a ler o mundo. Segundo ele,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1983)

Sabe-se que é muito importante o docente conhecer a realidade do seu educando, para que possa compreender seus anseios e dificuldades, para que assim, busque caminhos para auxiliá-los no processo de ensino/aprendizagem, que pode ser adquirido em diferentes contextos de realidade e o meio em que ele está inserido interferindo diretamente no seu aprendizado.

A EJA, por sua vez, pode e deve possibilitar o desenvolvimento pela autonomia, ou seja, mostrar ao educando que ele é capaz de desenvolver suas próprias habilidades participando ativamente do mercado de trabalho e da geração de renda, ressignificando seus valores.

Compreendida desta forma, Beserra (2013) discorre acerca da importância da Educação de Jovens e Adultos. E diz que,

Compreende-se a importância da EJA enquanto instrumento transformador da realidade e impulsionador de novas posturas, novos ideais e atitudes inovadoras e necessárias em prol do desenvolvimento digno do indivíduo. Vale ressaltar ainda que a mesma deve ser desenvolvida de acordo com o contexto ambiental, socioeconômico, cultural e conforme as necessidades do público alvo. Com um olhar sobre esses aspectos, a EJA possibilita uma efetiva interferência na erradicação do analfabetismo, na diminuição da pobreza e no desenvolvimento socioeconômico, contribuindo para a melhoria na qualidade de vida das pessoas (BESERRA, 2013, p12).

Seja no que compete ao conhecimento, seja nas atividades realizadas pelos trabalhadores, se existe algo a ser levado em consideração como de extrema importância para que haja eficácia em seus resultados é o planejamento. Planejar e pensar devem ser

considerados como indissociáveis. O planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação, quer seja em um nível micro, quer seja no nível macro. No que diz respeito ao ensino, o planejamento é um ato político pedagógico no qual se expõe o que se deseja alcançar. Por isso, torna-se importante para o professor planejar e refletir sobre sua ação, pois formará o indivíduo para a sociedade e para a vida.

Deve-se ter em mente que a escola não deve ser compreendida apenas como a formação para o mercado de trabalho na busca por um emprego. E sim, na ressignificação de seus valores sócio-político-culturais do cidadão para a vida e para a sociedade. A educação vai além de tudo isto, ela é considerada uma possibilidade de melhorar a vida destes indivíduos. É a ascensão do trabalhador. Superando sua exclusão no mercado e ampliando sua formação enquanto gestor promovendo a produção autogestionária dos bens e serviços, e as trocas solidárias na busca do ganho para o produtor e para o consumidor.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e torne instrumento de luta, possibilitando-lhe ser sujeito de sua própria história. (FREIRE, 2001)

Contudo, onde há uma organização social sólida, baseada em solidariedade, há uma maior facilidade em lidar com a gestão de bens comuns e com os desafios impostos pelos empreendimentos, essenciais para o exercício da democracia e das experiências coletivas participativas, pois possibilitam interações frequentes entre pessoas, gerando aprendizagem.

2.2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A AUTOGESTÃO

A Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Com espírito cooperativo é também considerada uma alternativa ao capitalismo como geração de trabalho e renda, a favor da inclusão social. Compreendido como processo de desenvolvimento qualificado, e presente principalmente nos setores da agricultura familiar, a Economia Solidária busca além do desenvolvimento sustentável, a colaboração mútua, e está estruturada segundo Singer (2005) em três eixos: na organização, no trabalho e no consumo.

Inventada por operários e como resposta à pobreza e ao desemprego, surge a Economia Solidária. Economia esta, que é pautada na solidariedade e tem como uns de seus princípios a

prática da coletividade e da autogestão. Centradas a partir de uma visão socialista (trabalho/proletário *versus* empresa/burguês) seus objetivos são de recuperar sua autonomia econômica, através de movimentos operários igualitários e democráticos, além, claro de melhorar a qualidade de vida e de seu trabalho. Tudo é dividido por igual e todos tem o mesmo poder nas tomadas de decisões. Assim, exclui a postura da antiga visão capitalista (patrão e empregado) e dá lugar ao espírito empreendedor em que todos são donos (e consumidores) de seu próprio trabalho e que se unem pelo mesmo objetivo em comum: o bem-estar de toda a comunidade, na qual, todos são beneficiados.

Compreendida como uma alternativa inovadora na geração de trabalho e renda tendo como princípios a solidariedade, a autogestão, a democracia e a cooperação mútua, a Economia Solidária diferente do mercado competitivo capitalista, unem os trabalhadores de forma igualitária para melhorar o processo da produção de seus bens e serviços, além de garantir sua autonomia coletiva enquanto produtores pensando no bem-estar de todos de um grupo ou comunidade. Sendo assim, abrange um modo de produção em que não existe divisão de classes (capitalistas e trabalhadores) e nem há chefe. Todos trabalham de forma coletiva para o sucesso de todos:

Na empresa solidária, todos que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, têm os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino. E todos os que detêm a propriedade da empresa necessariamente trabalham nela (SINGER, 2005, p. 14).

Sendo assim, a união entre os trabalhadores na perspectiva da Economia Solidária é de fundamental importância, uma vez que fica compreendido que são unidos pela mesma luta, pelo mesmo ideal, que todos ganham. O sucesso de um é o sucesso de todos. Por isso, o espírito coletivo deve reinar e permanecer entre eles, de modo que tenham um objetivo em comum: o bem-estar de todos. E nesse sentido, não só é de todos o “lucro”, quer dizer, as “sobras”, mas os saldos negativos, os prejuízos, como também, as tomadas de decisões realizadas nas assembleias e/ou reuniões de grupo. E é assim que são regidos, isto é, pelo princípio da democracia participativa.

De forma geral, há uma inversão completa de situação, quando alguém deixa de ser assalariado e torna-se cooperador. Enquanto assalariado, suas escolhas eram extremamente limitadas, reduzidas quase sempre a ficar ou deixar o emprego. A evolução do salário, promoções ou rebaixamentos, oportunidades de qualificação profissional e muitas outras decisões, que afetam sua vida de trabalho, são tomadas por superiores, por razões que ele desconhece. Quando se torna cooperador, ele passa a ser membro de um coletivo, encarregado de tomar tais decisões (SINGER, 2005, p.15).

Diferente do capitalismo que trabalha a questão da competição no mercado e no individualismo, a Economia Solidária como o próprio nome já diz, é pautada na solidariedade. Isso pode ser encarado como um desafio pedagógico, pois as pessoas que passam de uma cultura (capitalista) à outra (solidária) precisam ser reeducadas. As que descendem do capitalismo são educadas e treinadas para competir, isto é, ganhar e não perder, lucrar para não ter prejuízos. Assim, torna-se uma tarefa difícil fazer com que estes indivíduos pensem diferente, ou melhor, se apropriem e tenham uma nova visão de emancipação desta prática para encarar a Economia Solidária. Sendo assim,

Se apenas um indivíduo adotar comportamento cooperativo em uma sociedade em que predomina a competição, ele será esmagado economicamente e vice-versa: se apenas um se comportar competitivamente onde predomina a Economia Solidária, ele será visto como egoísta e desleal pelos demais, que o excluirão do seu meio (SINGER, 2005, p.16).

E essa reeducação é de fundamental importância para os trabalhadores, pois é através de empreendimentos solidários que eles cooperem entre si e que todas as tomadas de decisões se adequem às regras justas de todos. Pois,

No momento em que essa opção pela Economia Solidária é feita, grande parte dos trabalhadores sequer sabe direito do que se trata. Mas, encontram-se ligados por laços de solidariedade forjados em longos anos de lutas, durante as quais a ajuda mútua é essencial à vitória. As lutas comuns produziram confiança mútua e afeto recíproco entre os trabalhadores. Eles aprenderam a cooperar e gostam da experiência. Muitos abominam o mandonismo e odeiam a desigualdade (SINGER, 2005, p.17).

Tomando essa concepção da Economia Solidária como a união dos trabalhadores para lutar por um objetivo em comum, há uma preocupação em torno disto. Ou seja, eles sabem o que fazer, mas não como fazer. E é a educação que vem abrir o caminho para que estes indivíduos se apropriem do poder que tem para fazer uso dele. A educação é muito importante principalmente no processo de transição da economia capitalista à economia solidária. Pois esta vai centrar-se na valorização do trabalhador e na luta de classes primados pelos valores solidários e igualitários pelo princípio da democracia.

É essa reeducação que abrirá a mente do trabalhador e libertá-lo da alienação em que o mesmo vive, a partir da sua emancipação enquanto cidadão e produtor à forma justa de comércio e por consequente, de autogestão abrangendo os aspectos econômicos de forma coletiva. E é justamente na formação e na capacitação destes trabalhadores que a educação tem seu papel em destaque, já que eles não estão preparados para assumir esta tarefa de bem conduzir e autogerir sua empresa sob as características solidárias, além, claro de saber como lutar, para que lutar e para quem.

Portanto, esse desafio é considerado um ato pedagógico na medida em que proporciona novas práticas sociais e ao mesmo tempo valoriza o trabalhador, a sua

experiência e a sua vivência na construção de uma nova sociedade tanto econômica quanto política.

A Economia Solidária prende-se à experiência de vida progressa dos trabalhadores, mas ao mesmo tempo a ultrapassa [...] Mas, ela continua essencial mesmo quando o período heróico é superado, pois um empreendimento coletivo exige a efetiva cooperação entre todos que a compõem. É nesse momento que o ato pedagógico faz-se indispensável (SINGER, 2005, p. 20).

Uma vez que a (re-)-educação é fundamental na desalienação dos sujeitos, é válido destacar que a vivência de cada um dos membros de um empreendimento solidário é fundamental, pois as ações/decisões coletivas giram em torno da formação que cada um teve, além de servir como instrumentos autogestionários à medida que a autogestão faz com que os trabalhadores sejam mais participativos.

No campo da pedagogia da autogestão merece destaque os estudos de Jef Ulburghs que defendia uma nova mudança social sob a perspectiva autogestionária, considerada por ele como “método indutivo”.

A autogestão é, assim, impossível sem uma formação permanente que ponha o conhecimento à disposição de todos... Esta formação supõe uma dimensão política solidária e global. As experimentações de autogestão mobilizam os trabalhadores para uma tarefa concreta e, assim, adquire no processo e de modo indutivo uma formação para autogestão (ULBURGHs *apud* NASCIMENTO, 2003, p.11).

Como postula Freire, é essa conscientização, uma das etapas importantes para um novo tipo de sociedade democrática centrada na autogestão. Segundo Nascimento (2003) “A aprendizagem, o modo de adquirir uma cultura, seja por transferência (dedução), seja por autolibertação (indução) é determinante para seu conteúdo”.

O movimento autogestionário, ao mesmo tempo, pedagógico e político, é portador de uma dinâmica permanente, de um processo constante de evolução em que o pensamento e a ação permitem o aprofundamento do conteúdo ideológico. O que é revolucionário não é o resultado, mas o processo para autogestão (NASCIMENTO, 2003, p.9).

Sendo o seu sistema de gestão, uma das características marcantes da Economia Solidária, seu intuito é melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores. E como já fora citado neste trabalho, o papel da educação torna-se fundamental uma vez que forma o produtor para autogerir sua empresa ligando também a questão cultural, à medida que há uma mudança de valores e princípios a partir das práticas solidárias, principalmente, ao que é sustentável.

A economia solidária, como uma forma cooperativa e não competitiva de produzir e reproduzir nossa existência, tem um componente educativo extraordinário. A *educação para a cooperação* e para a autogestão é necessária para formar as pessoas envolvidas em empreendimentos solidários a compreender sua empresa e administrá-la adequadamente. Não se pode entrar numa cooperativa com uma mentalidade capitalista [...] (GADOTTI, 2009, p.35)

Compreendida por Singer 2005 como um ato pedagógico, a Economia Solidária também pode ser entendida como práxis eminentemente pedagógica. Por isso, há a necessidade de construir uma pedagogia da economia solidária, já que as clássicas não tem suporte para abranger essa nova realidade econômica-política para construir novos valores, nova cultura.

Dá a importância de levar em consideração a importância do diálogo entre os trabalhadores para uma boa convivência em que o modelo de autogestão seja baseado na cooperação e democracia participativa.

A economia solidária baseia-se na ajuda mútua e esse *princípio pedagógico* da reciprocidade e da igualdade de condições – exigência de todo diálogo verdadeiro – entre educador e educando, deve ser levado em conta, sobretudo na *formação em economia solidária* [...] (GADOTTI, 2009, p. 36-37)

O espírito cooperativo, a união e a solidariedade são características da Economia Solidária que fazem com que os trabalhadores privilegiem o que os unem, e não o contrário. Abrindo mão assim, da competição e da concorrência fortemente presentes no capitalismo. “O ato de cooperar é uma forma de trabalho em que muitos trabalham para o mesmo fim” (Gadotti, 2009). Desse modo, a Economia Solidária não está centrada apenas no campo econômico, como também, na política. Pois é através da conscientização e, portanto, da desalienação das mentes que os trabalhadores incorporados pelas suas lutas conhecem e se apropriam do poder que tem.

Em suma, a Economia Solidária promove a educação, uma vez que propicia ao educando/trabalhador a formação para se tornarem gestores competentes de seus empreendimentos.

[...] Essa oportunidade de se desenvolver, o ser humano a encontra na educação e na cultura. Cada indivíduo para se desenvolver necessita da colaboração do outro. Todo ser humano precisa de *alteridade*. Uma educação para a cooperação, uma educação para a solidariedade, não é apenas uma opção ética. É uma condição humana necessária para o desenvolvimento pessoal e social. Respeitar os talentos de cada um, de cada uma, valorizá-los e promovê-los, é um dever educacional e uma responsabilidade social e política de todos e todas (GADOTTI, 2009, p.45)

Sabe-se que a implantação da Economia Solidária, bem como, de suas regras não é considerado tarefa fácil, pois requer uma reeducação dos indivíduos, principalmente de uma cultura à outra. Mas os estudos feitos com base no tema e a expansão deste tipo de trabalho só vêm afirmar que há um caminho para a construção de uma nova sociedade, a partir de modelo econômico diferenciado e emancipado através da educação para uma forma de produção e de comércio mais justo em que todos os trabalhadores sejam recompensados sem ter a exploração como mediação das relações sociais.

Nesta busca incessante pelo lucro, a sociedade define-se pelo poder do dinheiro, transformando pessoas em mercadorias, explorando o trabalho de forma alienante. O papel da educação seguindo essa via de pensamento e conhecimento é de suma importância à medida que propicia ao trabalhador em geral, e ao agricultor (enfocado nesse estudo) uma mente desalienada e emancipada pautada na criticidade e na reflexão, na reivindicação de seus direitos. O trabalho cooperativo, na economia solidária, vincula-se à noção de coletivo, da solidariedade e da autogestão, porque teoricamente, é gerido com a participação igualitária de todos os membros na tomada de decisões sobre os resultados (VIVIAN, 2007).

Cabe destacar, que os princípios que regem a economia solidária, é a forma pela qual desenvolvem seu trabalho. A importância se dá justamente nas prioridades que os trabalhadores têm como benefício para a comunidade, se dá através do espírito coletivo, solidário e democrático. Partindo do entendimento que todos devem obter bons resultados, pois assim como dividem o “lucro”, dividem também os “prejuízos”. Dessa forma, além de gerar trabalho e renda, oportuniza o desenvolvimento de uma prática pedagógica formadora de uma sociedade mais justa e mais solidária.

O cooperativismo marca significativa da economia solidária, é, portanto, considerado fundamental para a educação, se compreendido como base da sociabilidade. Principalmente, o diálogo. Pois é através dele que ocorre o processo para a valorização das relações sociais dos saberes dos indivíduos.

A Economia Solidária tem sido tratada como objeto de estudo nos últimos anos, ganhando seus espaços não só em centros acadêmicos, como também, na sociedade. Iniciou-se nos anos 90 com a crise do desemprego como alternativa de trabalho e renda para trabalhadores expostos ao desemprego e/ou aqueles que foram excluídos do mercado capitalista. E assim como na educação de jovens e adultos, a economia solidária necessita de apoio do Estado para institucionalizar as atividades e o direito de desenvolvê-la, que precisa ser tomada por toda sociedade, que tem como proposta a produção a partir da distribuição do trabalho para cada pessoa.

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária define a Economia Solidária como,

Fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade de atividade, em vez de acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular. (FBES, 2006, p.3)

Sendo assim, compreende-se que a economia solidária é um fenômeno contemporâneo que já tem diálogo com várias áreas do conhecimento. Vale ressaltar que tem se caracterizado

pelo crescimento da expressão dos movimentos sociais e das experiências conjuntas de produção e comercialização na economia, seja no meio rural, seja no meio urbano. Seu destaque refere-se à possibilidade de ganhos econômicos para seus participantes, principalmente em materiais, capacitações, o exercício de cidadania e a participação coletiva. São através da ideia de serem trabalhadores sem a figura de um patrão que esses empreendimentos são qualificados como autogestionário ou como empreendimentos solidários.

Afirma-se que a economia solidária e a autogestão podem se constituir como movimento social. “Não se trata de utopia porque [...] já se realiza como alternativa não só econômica, mas também social e cultural” (VERARDO, 2003). O autor afirma ainda, que a alternativa pressupõe pelo menos a negação do modelo existente e a afirmação de uma perspectiva diferenciada como elementos básicos. É a solidariedade que serve de ponte para unir ambos os conceitos.

Para o autor, a construção da autogestão e da economia solidária pressupõe também práticas solidárias. Caso contrário, estaria destruindo a essência do que pode se entender por solidariedade. Portanto,

Estabelecer acordo e formalizar princípios visa justamente organizar o trabalho de construção, fazendo com que o conjunto seja maior que a soma de cada uma das partes envolvidas. Ao contrário disso, a informalidade, longe de ser uma virtude, cria ambiente muito propício à vaidade, à promoção pessoal e ao oportunismo [...]. (VERARDO, 2003, p. 57)

Desse modo, faz-se necessário ter cuidado com as práticas que vem sendo estabelecidas para tratar das diferenças dos trabalhadores para que não haja desigualdade ou exclusão. É interessante destacar que a economia solidária luta pela autonomia e não pela dependência dos empreendimentos, nem tampouco promover a precarização das condições de trabalho.

Dizer que lutamos contra exploração significa que combatemos toda e qualquer prática em que um empreendimento ‘solidário’ explore outro [...]. Em suma, lutamos pela democratização conceitual da economia solidária como forma de resgatar essencialmente a dimensão humana do trabalho. (VERARDO, 2003, p.58)

Ainda para o autor, o papel da educação é central na implantação e no desenvolvimento das atividades gestionárias.

Realizar atividades educativas para a autogestão significa investir no trabalho de capacitar e formar o coletivo para que as decisões e o controle pertençam de fato, aos próprios trabalhadores que integram a empresa. Isto quer dizer, que se trabalha não apenas no nível das informações, mas, principalmente, na formação de novos valores sociais e culturais. (VERARDO, 2003, p.61)

Assim compreendida, a autogestão, possibilita a gestão democrática e participativa no empreendimento. Tem como intuito lutar pela oportunidade de inserção econômica em um

contexto de relações solidárias de produção, promovendo a construção e o desenvolvimento de modelos autogestionário que contribuam para criar e recriar trabalho e renda, desenvolvendo autonomia e formação de trabalhadores promovendo a igualdade de direitos como também a divisão das responsabilidades.

Contudo, a economia solidária só é composta de empreendimentos que efetivamente praticam os princípios do cooperativismo, isto é, da autogestão. Cabe ressaltar que a economia solidária ainda que cresça devido às crises sociais dos capitais privados, ela só se torna uma alternativa quando a sociedade se conscientiza de que é de seu interesse a organização de produção, de um meio em que todos se utilizem para gerar o produto social. Assim, passam a trabalhar sob um plano de produção em que o agricultor deixa de ser individualista e passa a um modelo coletivista participando de um trabalho socializado com divisões de atividades de trabalhos previamente planejadas.

3 METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos da pesquisa foi realizado um estudo de caso. Para realizar esse tipo de pesquisa é importante ter um bom arcabouço teórico na área abordada. Trata-se de fazer um estudo de um objeto de pesquisa restrito buscando aprofundar as suas características e trazer algumas explicações sobre o caso. Segundo Pronadov e Freitas (2013), o estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida de acordo com o momento da pesquisa.

Para fins desta pesquisa, a abordagem do estudo é qualitativa descritiva. As pesquisas que se apoiam no modelo qualitativo buscam interpretar os fatos analisados, que são de suma importância para a eficácia da pesquisa e que possibilita uma reflexão pessoal. Segundo Giannotti (2013) a pesquisa de caráter qualitativo considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e aquilo que está sendo estudado. Considera ainda que exista um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a sua subjetividade, que não pode ser traduzido em números.

Para completa realização da pesquisa o instrumento utilizado foi a entrevista, que permitiu acessar depoimentos e informações repassadas pelos próprios moradores da comunidade, mais especificamente, dos alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos no Assentamento Fazenda Mata no município de Amparo-PB.

A investigação desenvolveu-se através de entrevista gravada com depoimentos de quatro pessoas. Entre elas: 03 assentados (sendo um deles, professor da EJA na comunidade e também o Presidente da Associação; o outro, morador no Assentamento, ex-aluno da EJA e ainda vereador do município; a outra, apenas moradora no Assentamento); e 01 professora (que trabalha na EJA, porém, não reside na comunidade).

O critério de escolha por estes entrevistados se deu pelo fato de serem considerados pela própria comunidade, no caso dos três assentados, pessoas que tem um arcabouço mais detalhado sobre a criação do Assentamento. E que assim, facilitariam o acesso às informações necessárias à pesquisa. Já a professora de Língua Portuguesa foi selecionada para a entrevista para termos um relato a respeito das atividades realizadas em sala de aula e suas possíveis contribuições no trabalho diário dos assentados e também, pelo laço de afetividade com eles (alunos/assentados), uma vez que reside na vizinhança.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Associação dos Produtores Rurais do Sítio Caiçara, conhecida como Assentamento Fazenda Mata, foi fundada em 2004 tendo como objetivo a aquisição de propriedade rural para atender quem não tinha terra para trabalhar nem moradia, buscando incorporar famílias carentes propiciando-lhes uma condição de vida melhor. Seu início se deu através do Programa Nacional Crédito Fundiário, hoje conta com um total de 29 famílias.

“Formamos uma associação para poder comprar a fazenda do senhor Hermínio Leite, e a gente ficou sabendo que o banco financiava o dinheiro pra gente ir pagando parcelado. Começamos se não me engano, com sete sócios, mas aí não dava, colocamos então quatorze, também não dava. Daí chegamos à conclusão juntamente com o Banco e formamos a Associação de 29 sócios. Fomos procurando cada sócio para fazer parte da Associação e assim surgiu. A gente parcelou e hoje pagamos um valor de parcela de 746,00 reais por ano.” (Depoimento – Homem, 52 – sócio, ex-aluno da EJA e vereador no município)

“[...] a iniciativa foi através dos sócios. Porque na época, havia uma necessidade das pessoas que queriam realmente ter um pedaço de terra pra trabalhar e não se tinha. E foi pensado desta forma, criar uma associação através dos produtores rurais do sítio Caiçara. Eram poucos... e depois ficaram sabendo que se tinha essa terra lá no sítio Mata conhecida como Fazenda Mata do proprietário Hermínio e ele se interessava vender. Só que na época, os sócios que tinham lá eram poucos e pelo preço que ele vendia não dava pra esses sete ou nove... Na época eram sete. Eu lembro que começou com sete e não dava para comprar essa terra pela quantidade de sócio e foi se criando uma necessidade de criar mais sócios e esses sócios que tinha também interesse... só que na época também tinham critérios pra que pudessem entrar nessa associação. E um dos critérios era pessoas que realmente não tinham terra, não tinha onde trabalhar [...] no meio rural e foi surgindo, surgindo e daqui a pouco formaram 29 sócios e aí deu pra comprar a terra e hoje... antigamente só tinha três casas e hoje a gente tem 29 casas e mais casas[...] como que uma é a sede.” (Depoimento – Mulher, 30 – sócia e moradora no Assentamento)

“Bem, sobre a associação, o nome dela é Associação dos Produtores Rurais do sítio Caiçara, conhecida como Fazenda Mata, município de Amparo. Foi uma grande luta inicialmente para conseguir essa propriedade. Um programa do Governo Federal, a gente teve conhecimento, inicialmente em 2003. Em 2004, a gente fundou a Associação buscando incorporar famílias carentes e comunidades vizinhas. Na época, famílias com muitas dificuldades, sem ter terra para trabalhar, uma casa pra moradia, então a gente buscou ter a associação e o projeto exigia. Criada a Associação em 2004, a gente buscou encontrar uma propriedade... terras para as famílias trabalhar. Esse programa é denominado Programa Nacional Crédito Fundiário, ele é um programa diferente da Reforma Agrária de razão, muito diferente. Porque esse é um programa de forma harmônica onde a diretoria da Associação junto com todos os associados se reúnem com o proprietário da terra, no caso, o fazendeiro que tem o interesse de vender, chega em acordo de um valor para a compra da propriedade. O Governo paga a propriedade e a associação fica pagando anualmente em forma de parcelas, com várias parcelas até quitar a propriedade. Então é um programa muito interessante que ainda está no auge. Qualquer agrupamento de família, de pessoas carentes que queiram encontrar e comprar pedaço de terra para trabalhar e para moradia... então o programa ainda está no auge. A gente conseguiu em 2007. Foi três anos de lutas, procurando uma propriedade, uma fazenda para comprar. Inicialmente com treze famílias, quando a gente encontrou a propriedade, devido o seu tamanho que é 574 hectares, então o programa exigiu que a gente aumentasse a quantidade de famílias e hoje a gente está com 29 famílias, que é aproximadamente 70, 80 pessoas na nossa comunidade e

graças a Deus tá dando muito certo.” (Depoimento – Homem, 40 – Professor da EJA e Presidente da Associação)

Ressalta nos depoimentos que a origem do Assentamento ocorreu “de forma harmônica” com o antigo proprietário da terra, quando comparado com a luta de outros movimentos de trabalhadores rurais que envolve a desapropriação da propriedade para fins de reforma agrária. No entanto, isso não significa dizer que foi um processo fácil, exigindo um esforço de mobilização de famílias que se interessassem e pudessem arcar com o compromisso da dívida com o financiamento da compra da terra, conforme se observa nos relatos quando questionados sobre as lutas e dificuldades enfrentadas para a criação do Assentamento,

“A dificuldade é porque foi difícil conseguir os 29 sócios porque a gente tinha que encontrar pessoas honestas e que não dessem trabalho, e também a gente negociar com Hermínio Leite sobre o preço da terra. Mas aí o Banco nos ajudou muito e tudo deu certo.” (Depoimento – Homem, 52)

“Uma das lutas foram de início, a documentação correta da associação. Foi uma luta muito constante... pra se ter essa compra teria que ter toda uma documentação legalizada. Outra dificuldade também foi de adquirir os sócios, mas até então à maioria já tinha um interesse pela terra, já conhecia também... foi mais fácil, mas foi uma dificuldade também por causa dos critérios. Porque todo mundo queria, mas devido aos critérios foram selecionadas algumas pessoas escolhidas. E uma das dificuldades foi também [...] a falta de energia elétrica. Tinha a energia particular, mas não tinha energia. Com o tempo, é que fomos beneficiados com o Programa Luz para Todos.” (Depoimento – Mulher, 30)

“Inicialmente, como eu já falei anteriormente, a maior dificuldade foi realmente adquirir e encontrar a propriedade. Mas depois a gente de forma organizada, a gente conseguiu... sempre há no início certas dificuldades na organização, você tem que se reunir com todas as famílias, algumas não tem o conhecimento como é uma associação, você tem que explicar... formar uma diretoria atuante... então começa por aí. Uma das dificuldades que a gente também antes de residir na propriedade, a gente teve que construir as casas, lá só existiam apenas de duas a três casas. A gente teve que construir mais de 95% das casas, não tinha energia elétrica em toda extensão, só tinha uma rede... Graças a Deus que com um ano da gente chegar lá, após a construção das casas, aí tava na época do programa Luz para Todos, então devido ser um assentamento, a gente foi atendido de imediato. Então, em dois anos... primeiro ano, a gente conseguiu construir as casas, aí veio a questão estrutural da propriedade, com muita dificuldade, mas a gente conseguiu. As famílias foram chegando aos poucos, mais ou menos, um ano... foram chegando para se adaptar. Também um dos problemas que a gente teve foi a questão de água. Quando a gente chegou, só tinha apenas um poço muito salobra, só servia na verdade para os animais consumirem e agente chegou a consumir essa água, principalmente os primeiros moradores durante um ano, um ano e meio. Aí foi que a gente correu atrás de outros projetos, de outros programas para melhorar a qualidade de vida da nossa comunidade.” (Depoimento – Homem, 40)

Depois de enfrentarem diversas dificuldades e muitas lutas, o grupo de assentados conseguiu depois de uma negociação com o proprietário da fazenda, o senhor Hermínio Leite, comprar a terra. Assim, e atendendo aos requisitos do Programa, o Governo pagou a dívida e

os sócios através do financiamento com o Banco do Nordeste, ficaram pagando parcelas anuais até quitar a propriedade.

Posteriormente, o Assentamento foi contemplado com o Programa Água Doce para diminuir os impactos ambientais decorrentes do despejo de concentrados provenientes do processo de dessalinização, ou seja, de purificação da água salgada. As famílias foram atendidas com a instalação da Unidade Demonstrativa, pois atendeu todas as exigências técnicas do Programa Água Doce, executado na Paraíba.

O programa possibilita que uma parte da água retirada do poço (salgada) seja transformada em água boa para o consumo humano e que a outra, seja despejada em tanques de contenção, evitando que o sal entre em contato com o solo, e na irrigação de uma planta forrageira de origem australiana, conhecida como a erva-sal ou atriplex, utilizada como fonte alimentar de caprinos e ovinos. Desse modo, além de ter água de qualidade para o consumo humano, as 29 famílias assentadas desenvolvem projetos produtivos de criação de tilápias nos dois tanques construídos na propriedade garantindo uma fonte de renda segura. O pescado é vendido inicialmente para os comerciantes locais e posteriormente, à prefeitura Municipal nas épocas comemorativas, a exemplo da Semana Santa.

Até o momento os sócios não tiveram despesas financeiras devido ao sistema ser autossustentável. E todo o retorno adquirido é depositado em uma conta, no nome da Associação e revertido na forma de manutenção dos próprios equipamentos do projeto, bem como, no seu reinvestimento, conforme se evidencia nos relatos.

“Devido a gente está lá, ser uma das primeiras comunidades da região do nosso cariri, uma das primeiras a adquirir essa propriedade através dessa associação do Programa Crédito Fundiário, a gente ficou muito conhecido na região. Também recebemos assistência técnica e descobriram, no caso, a gente, o Ministério do Meio Ambiente, nos descobriu e nos trouxe o Programa Água Doce para a nossa comunidade. Que veio acabar de uma vez por todas, aquela questão que a gente consumia água salobra. O Programa Água Doce lá na nossa comunidade foi instaurado em 2009 anexado com o criatório de peixes e também anexado o plantio da atriplex que serve para alimentar os animais. A partir de 2009, com o programa Água Doce a gente conseguiu, iniciou, consumir água potável de qualidade, assim, foi mudando radicalmente de vez, a nossa qualidade de vida na comunidade. E a gente vem administrando até agora, nesse período de 2009 pra cá. Veja, estamos em 2017 e ainda continua, permanece o criatório de peixes, mesmo com a dificuldade desse período de seca alongado que nós tivemos nos últimos anos. Mas graças a Deus a gente fez muito esforço e a gente continuou com o criatório de peixes apenas com um poço para segurar toda a comunidade, os animais... e também com o atriplex que tem a função de retirar o sal do solo quando a água é jorrada no solo de acordo com a produção de água que a gente faz e com o criatório de peixes. Há uma renovação dos peixes de água diariamente e com essa renovação concentrada, ele tem que ir para algum lugar. Então, foi desenvolvido também o sistema de atriplex, que é uma planta Australiana popularmente conhecida por erva-sal que tem essa função de sugar aproximadamente 70% do sal do solo para não deixar o solo degradado. Graças a Deus a gente vem até agora dando certo. Inclusive, no momento, nós estamos fazendo uma renovação da Atriplex, já está aproximadamente com oito anos [...] e também, vale ressaltar que esse sistema Água

Doce, além da água que a gente consome, não só nós da comunidade mas famílias circunvizinhas como o distrito de Pio X, aproximadamente 600 famílias recebem água para beber, para o consumo humano na nossa comunidade, a gente tem parceria com essas famílias adjacentes. E a produção do peixe, o lucro até agora, vem dando para manter todo o sistema, em relação de contas de energia, conserto de bomba, de cano, encanação... Então todas as despesas e também a questão da alimentação dos peixes... Todos os recursos até agora, o programa vem sendo autossustentável [...] dá para fazer a manutenção do programa. Para se ter uma ideia, até agora, de 2009 pra cá desde que foi implantado esse sistema nenhum sócio gastou nenhum centavo com algum tipo de manutenção [...].” (Depoimento – Homem – 40)

“Temos um criatório de peixes, que a gente tira... [...] a gente decidiu entre os sócios que a gente não pega esse dinheiro em mãos, até porque não ia dá quase nada, assim, a gente decidiu entre a Associação, entre os sócios, a gente guarda numa conta, a gente tem uma conta em nome da Associação e a gente usa ele quando é necessário pra cavar um poço... aquele dinheiro a gente vai guardando, aí quando arrecada o dinheiro do peixe, a gente vai colocando na conta e tira quando é pra fazer alguma coisa no sistema da água doce, nos aparelhos que as vezes são caríssimos, a gente não pode comprar com nosso dinheiro, então a gente tira da Associação, das renda dos peixes. E a gente decidiu tudo isso entre nós, todos os sócios combinou e a maioria é quem vence. Todos votou que devia ser assim.” (Depoimento – Homem, 52)

Através dos relatos foi possível perceber que o Programa Água Doce foi instalado e é realizado com sucesso no Assentamento. Porém, é válido ressaltar as dificuldades encontradas pelos assentados para conseguir tal resultado. A necessidade acima de qualquer outra coisa era conseguir um pedaço de terra para trabalhar e assim, uma moradia. E mais que isso, era ter a oportunidade de uma vida melhor em torno de um bem comum que priorizasse os direitos de uma comunidade como um todo. E que desta forma, teriam que se adaptar a um novo tipo de economia pautada na união, na solidariedade e na cooperação mútua. A respeito da distribuição e beneficiamento do Programa Água Doce,

“A questão da água, cada morador tem direito a uma quantia da água, dependendo de cada número de família. Pode tirar um balde, dois, três... dependendo da família, a gente decide entre nós. Se a família for maior, pode pegar água a mais pra beber, que é água é dessalinizada. Pra beber e pra cozinhar, no caso, e também a Associação cobra uma mensalidade pra pagar as despesas da energia, daí, no caso a energia, quando chega a conta, a gente divide entre os sócios. Vamos supor... esse mês mesmo deu nove reais para cada sócio. É pouco porque se torna pouco pela quantidade de sócios. E a mensalidade, a gente usa para pagar a despesa do contador, e outras despesinhas que tem, até o INCRA, fica tudo pra essas coisas... a gente cobra mensalidade. Isso fica na mão do tesoureiro. Eu já passei pela tesouraria, mas me afastei pois agora sou vereador. A gente faz a votação e diz quem vai ser o tesoureiro, tem os candidatos. Daí o tesoureiro toma conta do dinheiro e coloca na conta [...] E o peixe do mesmo jeito. A renda do peixe vai pra Associação. Vamos supor, quebra um cano, uma torneira, uma lâmpada, até uma lâmpada quando queima, a gente tira daquele dinheiro que a gente guardou. A gente guarda pra essas coisas [...] Quando nós despesca o peixe, cada sócio tem direito a uma quantia dependendo do que a gente arrecadar, que dê de quilos de peixe, a gente tira uma parte e cada sócio ganha uns “quilos”... Vamos supor a gente divide pelos quilos e cada família leva um peixim pra casa. E outro a gente vende. A gente tira na semana santa, negocia com o Crass, com a prefeitura e vende a algumas pessoas que vai comprar. A gente decide um preço e algumas pessoas vai comprar. Então é esse dinheiro que a gente guarda [...] e esse dinheiro é usado apenas para manter a

estrutura que nós temos, como de fato, o preidinho da água doce, quando quebra alguma coisa, uma pintura, tudo a gente guarda o dinheiro... pra o poço, quando queima uma bomba, que no caso, uma bomba é cara... agora tá em 1.500,00 reais... e tem que tirar dali. Então tá guardado o dinheiro. O tesoureiro junto com o Presidente retira esse dinheiro do Banco, junto com os sócios combina e paga aquela peça que quebrou, ou a bomba que queimou, sai tudo da rendinha que nós temos.” (Depoimento – Homem, 52)

“[...] até o ano passado a prefeitura contribuía com uma quantia da energia e pegava água para abastecer o município de Amparo na época, devido à seca [...] o prefeito entrou em acordo com a associação para que ele pudesse pagar , nos ajudar na questão da energia porque necessita, tem todo um processo na energia e ele fez esse acordo para pegar água pras escolas e comunidades vizinhas também iam pegar lá. E este ano tá se tendo um planejamento porque é... devido essa nova reforma. [...] aí vamos sentar, todos juntos e ver como vai ser, pensarmos numa melhor forma de atender a população e a comunidade [...] não é uma questão de pagamento e sim de conscientização porque pra se ter a água, pra fazer o processo da água se gasta energia, então tem os papéis de energia que são discutidos entre os sócios e divididos entre os sócios para que a gente tenha o processo da água que é através do dessalinizador pra que tenha água doce [...] a questão dos peixes é o seguinte: a gente só coloca peixe de seis em seis meses [...] descama... a gente só faz mais isso nesses períodos que tem mais acesso pras vendas como a semana santa... datas mais comemorativas que possa abranger mais a venda e esse dinheiro que é adquirido com a venda dos peixes são depositados para as manutenções de equipamentos, de alguma peça que faltar lá, de alguma coisa que tiver relacionada a associação [...] são depositados em uma conta da associação para manutenção das coisas da associação, como o dessalinizador, até mesmo o papel de luz [...] além das manutenções, a gente guarda uma quantia [...] para renovar o ITR. E lá é uma das coisas que a gente mantém é a documentação da terra em dias porque é uma das coisas que nos prioriza a levar algo para a associação. Sempre que a gente exige alguma coisa, a gente é cobrada a documentação em dias e graças a Deus a gente tem sido beneficiado através dessa documentação que sempre tá legalizada.” (Depoimento – Mulher, 30)

Em se tratando da questão da Economia Solidária, os sócios sabem que é necessário o espírito da coletividade, a troca de experiências, a parceria, a opinião de todos, e a colaboração, seja nas lutas (trabalho ou divisão de tarefas) seja nas responsabilidades (lucros ou prejuízos). Para eles, a combinação em qualquer que for a esfera deve partir do Presidente ao sócio. Cada um tem uma função, pois sabem que não se devem designar todos para uma tarefa, só pelo fato de serem sócios por igual, ou de responsabilizar alguém ou a diretoria unicamente. Existe um Conselho que fica à frente das ações, porém, toda e qualquer tomada de decisão acontece de modo coletivo no qual todos tem o direito de fala e de expressão em reuniões que ocorrem mensalmente ou quando surge a necessidade.

Observa-se que a experiência do trabalho entre os membros da Associação voltado para as características da economia solidária centrada no trabalho coletivo e correlacionado com os princípios democráticos e de autonomia do grupo, conforme se depreende dos seguintes relatos:

“Bom... é que a gente já combinou desde o começo que a gente já entrou que é muito importante a opinião de cada sócio, a gente combina tudo, do Presidente até o sócio, a gente tem essa parceria, a gente luta tudo em parceria, os trabalhos é em

parceria, cada pessoa tem uma função em cada coisa que vai fazer. No caso de: fazer uma cerca... todos os sócios fazem juntos. Já foi explicado desde o começo assim.. nós entrou sabendo o que nós ia fazer. Se vai fazer uma limpeza de barragem, no pátio da fazenda, no curral... então todos nós vai naquele dia. Marca-se um dia e todos os sócios comparecem naquele dia. O que não pode ir, avisa ou manda alguém no seu lugar”. (Depoimento – Homem, 52)

“A questão da economia solidária lá, a gente não pode dizer que é 100% mas somos parceiros na questão de dividir atividades. Lá cada um tem uma função e, função essa que tem horas que tão juntos, tens uns, digamos, que dá de comer aos peixes, outros fazem o processo do dessalinizador... mas aí quando tem uma atividade maior se juntam todos e fazem essa atividade maior. Então lá, nessa questão ainda temos [...] união em relação a isso. Porque não se pode ficar um sócio responsável por tudo. Então ainda sentam, conversam, tem os seus atritos de vez em quando mas... graças a Deus eles se entendem e fazem, e mantêm com as responsabilidades da associação [...] tudo é dividido por partes iguais, pois aqui é de todos não é só de um [...]” (Depoimento - Mulher, 30)

A coletividade e a solidariedade pautadas na união de todos os sócios é o que fazem a diferença no desenvolvimento não só das atividades na Associação, mas também no desempenho da comunidade como um todo. Trabalhar em parceria, visando ao bem-estar de todos, são princípios que correspondem à economia solidária. Principalmente, no entendimento entre os sócios de seus poderes e deveres, bem como de suas responsabilidades. Em que cada um tenha em mente que tudo deve partir da tomada de decisões todos juntos, assim como nos benefícios ou prejuízos.

“Bom, a gente tem o Presidente da Associação e tesoureiro, então tem o pessoal do Conselho que sempre opina em alguma coisa, só que todos os sócios tem o direito de falar, algum problema a gente discute, todo sócio tem vez pra falar e quando a gente tem associação, tem que ter uma reunião a cada mês, mas sempre acontece de quinzena, se precisar discutir alguma coisa convoca todos os sócios e a gente faz a reunião. Então as vezes a gente recebe participantes para nos ajudar, como pessoas do Banco, da Emater para nos dar informações, projetos que a gente precisa saber todas as informações, as vezes a gente não está por dentro e quer saber um pouco mais, aí a gente chama os técnicos. Pessoas de outras associações também já tem participado como a gente para aprender e nós também aprender com eles e nós ensinar também para eles, funciona mais ou menos assim.” (Depoimento – homem, 52)

“As atividades são desenvolvidas da seguinte forma: tem uma pessoa que é à frente, que é o Presidente que sempre está à frente das situações e quando há alguma coisa a decidir, são decididas em coletivo, lá. Até porque é norma mesmo da associação decidir tudo através do coletivo. As reuniões lá são discutidas... assim... vai depender do que ocorrer no período. Mas geralmente a gente faz encontro, começou de mês em mês, mas agora é mais de dois em dois meses, mas quando tem algo que deve ser tratado são reunidos de imediato e decidido as coisas. Num tem assim um tempo determinado, vai variar de acordo com a necessidade.” (Depoimento – mulher, 30)

“As reuniões sempre existem uma vez por mês. A reunião é mensal. Sempre tem algo para resolver. É associação, envolve muita gente e sempre tem algo a resolver. Também nós temos vários projetos e precisam ser renovados, a exemplo agora do Água Doce com o novo prédio[...]. O projeto Procace que também está em andamento, também estamos sendo contemplados. É um projeto também de

investimentos da agricultura familiar da nossa comunidade e também o projeto PRONAF através do Banco do Nordeste, que é uma linha de crédito para todos os agricultores e a gente também somos contemplados com outros projetos e temos também trabalhos comunitários. Devido ser uma associação desse tipo o programa Água Doce tem trabalhos comunitários de manutenção. Então, semanalmente ou mensalmente quando necessário, a gente junta a turma e vamos fazer aquele trabalho comunitário. Para você ter uma ideia o programa Água doce tem que ter pessoas à disposição pra trabalhar, então como recursos, a gente procura economizar, a gente tem uma escala de trabalho, algumas pessoas ... alguns tem a produção da água, outros trabalham com os peixes, outros com a atríplex, então tem toda essa forma de trabalho. Todos os operadores que são capacitados para isso, então se a gente tem essa forma de trabalhar de forma comunitária, sabe dividir os trabalhos. Nós temos também outros afazeres [...] que pertencem a associação [...] quando tem algo pra resolver, a gente consulta, a gente se reúne entre os sócios, faz uma consulta geral, a diretoria escuta todos os sócios e no final se resolve [...] como toda reunião tem opiniões conflitantes, mas reunião com atos organizados sempre com a maioria vencendo e opinando a gente vem seguindo dessa forma, que é uma forma organizada, que compreende e que por isso que tá dando certo.” (Depoimento - homem, 40)

Vale frisar, mais uma vez, que não é necessário que todos tenham as mesmas funções, uma vez que são sócios por igual. Mas que se adequem às necessidades reais do assentamento para que assim atinjam resultados significativos e qualitativos. Assim, pode-se observar através dos relatos que as funções são divididas. Por exemplo: um cuida do criatório das tilápias; outro, limpa os currais dos animais dos produtores, que serve como fonte de renda; outro cuida do dessalinizador de água, para distribuir uma água de qualidade; outro da limpeza da plantação de atríplex, conhecida como erva-sal; dentre outras atividades que necessitam. Fazem tudo em parceria.

É significativo também uma vez que gera trabalho e renda. Pois, na maioria das vezes, normalmente as pessoas saem da zona rural quando não encontra meios de sobrevivência, como terra para trabalhar, não ter espaço adequado para criar animais, não saber lidar com o período de seca, como falta de água e alimentos para os animais e conseqüentemente por falta de sustento para a família.

No entanto, com esse tipo de economia melhorou o sustento das famílias, já que tem parceria entre todos os envolvidos, em que, suas principais motivações se dão em relação a esse tipo de empreendimento econômico solidário proporcionar um lar para morar e um pedaço de terra para criar e gerar renda para sustentar a família. Depois, dos reservatórios das tilápias que complementam a alimentação dos associados e gera uma renda razoável, e ainda proporciona a alguns a complementação da sua renda com outras atividades agrícolas e pecuárias.

Através de um trecho do relato do terceiro entrevistado, até o momento, não há uma família insatisfeita com o Programa nem com a forma de seu desenvolvimento, pois estão em uma comunidade participativa e unida, em busca de um bem melhor para todos. A Economia

Solidária não pode ser vista apenas como um movimento econômico, “é necessário ligá-la a outros movimentos sociais que buscam a melhoria de qualidade de vida da população em geral”. Deve ser vista segundo Singer (2005) como mais uma estratégia de luta do movimento popular e operário contra o desemprego e a exclusão social.

Por isso é necessário que haja uma organização curricular pautada no diálogo com estratégias flexíveis e inovadoras para contribuir no desenvolvimento das políticas públicas locais. A formação do trabalhador é imprescindível a construção de sua identidade libertária, para que haja de fato, uma transformação. Afinal, os empreendimentos solidários por si só não superariam as desigualdades econômicas, políticas, sociais e culturais.

Portanto, para que haja uma desalienação do trabalho e uma reorganização mais absoluta na gestão desses empreendimentos, faz-se necessário a o processo de autogestão.

Nesse sentido, a autogestão pode contribuir para uma nova forma de organizar o trabalho a alienação do processo de trabalho, o fetiche do conhecimento e a estrutura hierarquizada e vertical. No entanto, deve-se levar em consideração, como já foi dito, que o processo de autogestão não deve ficar restrito apenas na esfera econômica, mas sim nas esferas da vida que envolvem os indivíduos como a sociedade, a política e cultura.

As parcerias também é algo que merece destaque, pois sem ajuda de financiamentos torna-se praticamente impossível realizar as diversas atividades na Associação, principalmente às que correspondem ao Programa. Como já foi descrito anteriormente, os assentados contam com o apoio do Governo Federal, do Governo do Estado, do próprio Programa Água Doce (coordenadores), das linhas de crédito oferecidas pelo Banco do Nordeste, da Prefeitura Municipal através da Assistência Social e das Usinas de leite. Essas parcerias são importantes, pois além de ajudar com programas para melhorar a qualidade de vida da comunidade, ajudam com capacitações, informações e assistência técnica. Além da troca de experiências com outras comunidades.

É relevante a importância de capacitações, principalmente, o apoio financeiro, pois enfatiza a importância de elaborações de projetos para o desenvolvimento da produção e do trabalho qualificado. Isto também é importante para a comunidade, pois além de melhorar a fonte de renda, gera solidariedade entre grupos. As capacitações tem papel de extrema importância para todas as atividades de produção. Pois além de os capacitarem a melhor forma de aproveitamento em suas produções, facilita o processo de comercialização. Nesse sentido, isto é, acerca das parcerias, afirmaram:

“Tem! O pessoal do Procace. Agora mesmo a gente tá pra receber um projeto; tá trazendo pra nós uma máquina trituradora de ração... também animais, projeto de barragens subterrâneas... tudo isso vem incluído no Procace. Tem também o sistema

do projeto Água Doce que nos ajudou muito. O luz para todos... pois tinha luz só na fazenda, então todas as casas recebeu luz para todos e nós temos muita ajuda.” (Depoimento – homem, 52)

“Nós temos as parcerias, principalmente, das esferas federais e estaduais. O Governo Federal que foi quem trouxe o Programa Água Doce pra cá e o Governo Estadual que trabalha em conjunto com o Governo Federal. A gente sempre está em contato com os coordenadores do programa Água Doce e sempre eles estão nos ajudando, como por exemplo, na época da compra da ração dos peixes, o programa tem o carro à disposição para pegar os alevinos que é em Itaporanga, muito distante [...] então nós sempre temos essa parceria [...]. O Banco do Nordeste com a linha de crédito [...] e também a prefeitura compra os peixes anualmente [...] e distribui para o pessoal mais carente, especialmente, o pessoal do Bolsa Família. São nossos parceiros desde o início.” (Depoimento – homem, 40)

No que diz respeito à questão da educação, e mais precisamente, da implantação da EJA na comunidade, pôde-se através dos depoimentos, observar o desejo dos próprios assentados de se alfabetizarem – para uns – e de concluir os estudos no nível Médio – para outros. Devido essa necessidade, recuperaram um antigo grupo escolar na comunidade e através de conversações com a diretora da Escola Estadual do município na época e com o apoio da prefeitura, fizeram uma extensão do Estado para a comunidade. Primeiro com a implantação do Ensino Fundamental I, como a turma continuou, depois com o Ensino do Fundamental II e conseqüentemente, com o Ensino Médio.

“Nós temos também o prédio escolar, que nós encontrou ele muito... desteorado na época... tava todo quase caindo. Foi nós quem cuidou dessa parte, daí a gente teve também depois, a parceria do prefeito na época e também do Estado que nos ajudou e muita coisa a gente - butou a mão na massa - como sempre fomos acostumados a fazer, a Associação sempre tá unida e a gente cuidou do prediozinho, um grupo escolar daquele antigo e assim tivemos a escola. Começou do EJA e terminou no Ensino Médio. Eu mesmo terminei o ensino médio aqui na Mata.” (Depoimento – Homem, 52)

“Tinha uma escola desativada, que no período do decorrer do tempo, a gente viu a necessidade lá de pessoas analfabetas e que necessitava de aprendizagem e que essa aprendizagem tivesse mais perto deles e na época a gente conversou com a secretária [...] e fizeram uma extensão do estado pra lá e começou funcionar como o EJA do Fundamental I (de 1ª à 4ª série) e teve uns alunos que concluíram e outros desistiram... e depois, vendo a necessidade de eles concluírem o Fundamental II, permaneceu lá. [...] e quando foi o ano passado concluíram fazendo o médio. Uma das iniciativas foi dada pela necessidade, da própria comunidade através de uma conversação...” (Depoimento – mulher, 30)

“A implantação do EJA no Assentamento foi uma das principais conquistas que nós tivemos. Porque na minha opinião, educação vem em primeiro lugar. Em 2010, a gente conseguiu através do Governo do Estado, a implantação do EJA Fundamental I das séries iniciais dando oportunidade as famílias não só da nossa comunidade mas também das comunidades vizinhas a avançar os estudos. Então, você ter uma ideia, 90% a 95% das famílias todas sabem ler e escrever muito bem. No início, quando a gente adquiriu a propriedade, já tinha um grupo escolar e a gente teve a ideia de melhorar e fazer a manutenção de limpeza nessa unidade escolar, fazer uma recuperação... e o pensamento era justamente esse: fazer uma implantação de escola. Tivemos a oportunidade de implantar o EJA em 2010, em 2012-2013 como essa turma adiantou, a gente continuou com o EJA Fundamental II e em 2015, a gente concluiu a primeira turma do Ensino Fundamental II e conseqüentemente, do EJA

Médio. Então, agora em 2017 estamos com a segunda turma, iniciamos a segunda turma, já com o novo EJA Médio e a previsão pra concluir é no final do ano que vem.” (Depoimento – homem, 40)

Os objetivos e/ou necessidades da EJA no Assentamento foi de oportunizar não só a aquisição de conhecimentos por parte dos educandos, como também, de uma melhor qualificação profissional e de ascendência sociocultural. Segundo dados cedidos pelo professor das referidas turmas e também Presidente da Associação, a maioria da população sabe ler e escrever bem. E atualmente, desempenhar bem seus papéis como sócios da associação, bem como, no manuseio de suas referidas atividades. Quando questionados sobre a necessidade da implantação da EJA na comunidade, responderam:

“Por causa dos próprios moradores. Porque a gente tinha vontade... No meu caso mesmo, eu tinha feito até a oitava série, não consegui terminar. No passado era muito difícil estudar. Então nós, moradores a gente tinha vontade... fomos falar com os professores, falar com o prefeito, umas pessoas do Estado... a gente pedindo que queria estudar e pra gente vim pra cidade era muito difícil, porque são todos adultos, a maioria é adulto e... de idade já. Eu to com 52 anos e é nessa faixa de idade... 40 anos... 30... e era muita dificuldade pra pegar um ônibus e sair de lá às cinco horas da tarde pra ir para o Amparo. E lá era bem mais fácil. A gente conseguiu juntar uma turma de 26 alunos, na época e um bocado começou do EJA Fundamental. Eu já comecei bem mais... na oitava série. E aí tivemos a ideia porque muita gente tinha vontade de terminar o estudo, muitas pessoas... até mesmo pra gente se desenvolver melhor no nosso Assentamento. Saber trabalhar melhor... se desenvolver melhor.” (Depoimento – homem, 52)

“Então, a grande maioria das nossas famílias, dos nossos moradores, não tinha nem o Fundamental nem o Médio e se não fosse esse EJA, com certeza não ia ter. Porque são pessoas de idade, pessoas que tem família, crianças e nunca iriam sair do sítio, da comunidade, para estudar na cidade. Devido também não só a questão da idade, do tempo, fora de época de estudar, mas como também, o incentivo que não tinha. Então com a chegada do Ensino Fundamental I, o pessoal foi vendo, começou estudar, começou gostar e graças a Deus estamos iniciando mais uma turma e ano que vem a gente vai concluir a segunda turma do Ensino Médio na nossa comunidade, então nossa comunidade é uma comunidade que tem mais de 90% de pessoas bem alfabetizadas que sabem ler e escrever e também já com o Ensino Médio em mãos. Isso foi muito gratificante.” (Depoimento – homem, 40)

É possível perceber, através dos relatos a importância da educação na vida de cada morador uma vez que estes (pelo menos, os entrevistados) compreendem acerca de seu desenvolvimento enquanto indivíduo, enquanto cidadão. A educação, segundo eles, é a base de tudo. Em que chegam a afirmar que é fonte geradora de conhecimentos e que “sem ela não somos nada”. Nas palavras da entrevistada: “ajuda o aluno a ser cidadão crítico para organizar seus ideais e lutar pelos seus objetivos desenvolvendo sua autonomia.”

“Sim, porque... hoje já tem mais gente qualificada para desenvolver as ações. Para cuidar do peixe, no caso, tem que dá ração, tem que ter a quantia certa... Para cuidar do dessalinizador, os aparelhos são muito difíceis, até porque a maioria não tinha nem leitura para fazer um curso. Veio gente do pessoal da Água Doce capacitar as

peessoas... foi feito uns cursos lá, na época... e foi que a gente começou compreender que era muito importante a gente ter um pouquinho de leitura mas do que o que a gente tinha. No meu caso, que só tinha a oitava série, mas já precisava de gente pra mexer com aqueles aparelhos... muitas coisas difíceis, foi aí que a gente percebeu que precisava de um estudo melhor, aprender mais lutar com aquelas máquinas, tem umas coisas lá.. muito difícil. Foi aí que a gente começou a ver que é muito importante isso.” (Depoimento – homem, 52)

“É... falar de educação, já começo dizendo o seguinte: que educação é a base. Então, se houve uma necessidade deles estarem lá e tá terminando, com certeza pra eles permanecerem lá, fizeram algo de bom na vida deles e... afirmar que eles realmente algo não fez ajudar eles, seria hipócrita nisso, porque eu tenho toda certeza e convicções de que realmente algo mudou na vida deles, porque pelo menos, eles sabem ministrar a parte que cabem a eles e essa parte vem através do conhecimento, que se requer também um conhecimento e esse conhecimento é adquirido tanto em prática quanto também em parte teórica e que eles assim buscar prazer. Eu vejo dessa forma.” (Depoimento - mulher, 30)

“A educação vem em primeiro lugar”, e conseqüentemente o desenvolvimentos dos alunos inclusive na comunidade e na própria Associação, quanto no que se refere ao lado econômico, em que afirma: “a implantação do EJA Médio lá na escola vem sendo um grande sucesso. A escola, também gera emprego e é muito bom para todos da comunidade.” (Depoimento – homem, 40)

A educação é importante para qualificar e desenvolver as ações dos sujeitos através de conhecimentos adquiridos na aprendizagem em sala de aula e também, além dela. E assim, atua no progresso da comunidade em geral, inclusive, em sua economia, pois recebem direcionamentos para o desempenho de suas funções diárias, além de auxiliar na reivindicação de seus direitos e deveres.

Quando questionados sobre o desenvolvimento das aulas, disseram:

“As escolas foi como é as atividades das escolas mesmo. Mas a gente sempre discutia... os professores sempre davam algumas dicas pra nós [...] eu já sou o segundo vereador [...] já fica mais fácil de pedir alguma coisa para a comunidade [...] para a Associação [...] a educação muito me ajudou porque a gente já bota um grau, um Ensino Médio, no caso... e também hoje sei me apresentar melhor, fazendo um requerimento, uma reivindicação, um projeto... estou bem mais preparado para chegar lá na Câmara e participar... e a leitura tem me ajudado muito e com certeza daqui pra frente vai me ajudar ainda mais porque eu to sempre [...] to lendo alguma coisa, me informando, conversando com alguém e isso o estudo me ajudou muito. A educação.” (Depoimento – homem, 52)

“Também a gente trabalha de forma não só a questão da educação com aquela parte de conteúdo, mas também a forma de incentivo para permanecer no campo, incentivar a trabalhar, a desenvolver projetos, porque realmente na cidade... se você permanecer no campo é muito melhor. Você sobreviver no campo, a vida tem mais qualidade, uma melhor qualidade de vida que na cidade.” (Depoimento – homem, 40)

“convivi com eles durante quatro anos, uma turma muito boa de se trabalhar e colocar em prática as atividades didáticas e pedagógicas. E pra falar do Assentamento, eu vou dizer que é um assentamento privilegiado, porque assim, as pessoas são humildes, [...] tem um grande respeito e precisam de uma certa atenção

maior na comunidade. Então lá, foi implantado o EJA [...] foi onde tive contato com o Assentamento Mata. Porém, moro no sítio, moro vizinho ao assentamento e vejo com grande satisfação o assentamento. É onde eles desenvolvem bastante atividades em prol da sobrevivência deles mesmos. Nós temos lá o Projeto Água Doce, um projeto que tem também outras coisas como a pesca... tudo que se relaciona com a agropecuária, então as pessoas lá do assentamento sobrevivem muito bem se alimentando dos seus produtos. Posso dizer que assim, falar dessa implantação da EJA foi importante porque... eu me emociono muito como assim... as pessoas precisam ter mais atenção com as outras porque é um Assentamento que requer que você tenha um tipo de atenção maior porque as pessoas não tem tempo de estudar, porque as pessoas trabalham o dia inteiro... então não vou falar para você que as atividades elas são realizadas... do Ensino Médio elas são realizadas normalmente, os conteúdos assim, observando a realidade social do aluno, mas são atividades belíssimas e posso dizer que eles tem um talento excepcional. Tudo que você desenvolvia, eles faziam com a maior satisfação. Foi muito satisfatório trabalhar com eles, foi uma turma (a que concluiu- grifos meus) que eu vi muita resiliência, eles não desistiam, embora as atividades do dia-a-dia deixassem eles cansados e isso faz com que você como educador veja aí um relacionamento de emoções. Então, eu tive um relacionamento voltado para as emoções, então fizemos várias atividades trabalhando a língua portuguesa com eles, mas mesmo assim, nos voltávamos para a realidade deles, que eles estavam ali inseridos naquele meio e que mesmo assim, eles não poderiam deixar de ver os conteúdos. Todos foram muito bons, se desenvolveram bastante no que corresponde à didática da disciplina e eu fiquei muito feliz... e agora continuo com outra turma, vendo o desempenho e o desenrolar deles [...] e é satisfatório mesmo conviver com pessoas humildes porque você aprende muito. [...] torço muito por eles e eles já concluíram o Médio, a maioria e tem uns estudando até para o ENEM [...] então foi um trabalho maravilhoso e que não pode em hipótese alguma acabar. [...] o sucesso que eles podem alcançar, é traçar essas metas, esses objetivos e buscarem além, buscarem realizar os sonhos... a gente sabe que quem mora no sítio, as coisas são mais difíceis, mas nós temos aqui próximo a nós as Universidades que não são tão distantes o quanto era antes. Agora nós temos a UFCG aqui de Sumé que oferece cursos que interessam a área deles [...] e é uma turma que quer vencer, que quer mostrar que vão ser resilientes na vida e que vão buscar fortalecer esse vínculo de amor, carinho, de sucesso e de realizações nesse assentamento. Então, eu acredito muito no potencial deles e naquela comunidade [...] é um povo que busca vencer na vida. Então só posso parabenizar ele e dizer que adorei esse contato com eles e mesmo assim, continuo indo para lá todas as noites, mantendo esse contato com eles buscando cada vez mais melhorar e traçar essas metas que eles somem com as dificuldades e consigam alcançar os objetivos. Sobre a Associação... eu não tenho tanto esse contato, é mais com o professor [...] que também trabalha com eles e nós desenvolvemos esse trabalho aí de parcerias que sempre envolve a educação e a comunidade no geral [...] Bom... vejo a educação como fonte geradora de conhecimento. Sem educação nós não somos nada [...] e ela tem um papel muito importante para ajudar os alunos a terem assim... um senso mais crítico que facilita com certeza o aprendizado deles e assim, vai gerando os conhecimentos cognitivos para eles poderem opinar, relacionar a fatos e opiniões e organizar suas próprias vidas ... em favor de melhorar a situação deles. É... com isso, eles podem... com o conhecimento eles podem buscarem mais, cursos até para o próprio assentamento em prol de buscar essa vida melhor e tendo uma autonomia individual. Então educação ela é tudo, é a base de tudo.” (Depoimento – mulher, 33; professora)

Compreende-se assim, que o ensino não é algo pronto e acabado, restrito apenas ao acúmulo de conhecimento através de disciplinas formalistas. Mas de uma construção e aquisição de conhecimentos que deve levar em conta o conhecimento de mundo que estes

sujeitos da EJA já trazem de fora para dentro e aprimorá-los lhes propiciando condições para atuarem ativamente na realidade na qual estão inseridos, transformando-a.

Remetendo-se aos relatos da professora entrevistada, os assentados são pessoas humildes que trabalham não por ideais individuais, mas coletivos. Pensando no bem-estar de todos de forma humanizada, priorizando os valores éticos do ser humano. E afirma ainda que depois de um dia de trabalho o dia todo, esses alunos precisam de uma maior atenção. Por isso, as atividades devem ser estimulativas e que primem pela realidade do aluno.

Segundo os relatos dos dois professores entrevistados, os conteúdos seguem o programático referente a cada disciplina. Porém, em paralelo com a vida cotidiana deles, lhes propiciando meios e métodos pelos quais possam desenvolver suas habilidades e melhorar seu desempenho na realização de suas atividades. E incentivam eles seguirem adiante, mostrando a possibilidade e a proximidade das Universidades para a realização de sonhos e crescimento intelectual.

A EJA deve ser compreendida enquanto processo de formação humana que leva em conta as formas de vida, do trabalho e sobrevivências destes sujeitos que se colocam como principais destinatários desta modalidade de educação. Nesse sentido, educar é criar situações de aprendizagem nas quais todos os sujeitos envolvidos despertem para a dignidade de um futuro melhor. Assim, um currículo onde a EJA e a Economia Solidária dialogam é considerado artefato social e cultural, pois a Economia Solidária traz o saber local para prática real na sala de aula.

Foi possível perceber que todos acreditam sim, na possibilidade de existir aprendizado e adquirir conhecimento através da educação. E que esta é de suma importância não apenas para que o indivíduo aprenda a ler e a escrever, mas também entender e se questionar o porquê e o para quê de aprender. É importante saber de que maneira podem adequar e aproveitar este conhecimento em seu cotidiano, no desenvolvimento de suas práticas, mais precisamente, na associação.

Ainda no que compete a questão da importância da educação na comunidade, citaram as condições de uma melhor sobrevivência e na luta por melhores qualidades de vida que eles podem buscar reivindicando seus direitos, uma vez, também, que assim forem compreendidos seus deveres. Suas responsabilidades nas tomadas de decisões em todos os setores, principalmente na divisão de tarefas que se remetem a lucros e prejuízos. Tudo isso, sem levar em conta, a parte principal que acontece quando o cidadão aprende que a educação é a porta para a ascensão político-sócio-cultural seja de um indivíduo, de uma comunidade, de um povo, de uma nação.

A ideia era coletar informações relevantes que nos desse algumas pistas sobre os educandos/assentados que pudessem ser transformadas em ações na comunidade. Gerar a possibilidade do diálogo e a construção de proposta de atividades com a participação mais proativa dos todos. Vê-se também, o envolvimento das Universidades, e a implantação de suas Incubadoras no sentimento de ampliar este desenvolvimento e assim expandir ainda mais projetos solidários acentuando a importância da economia solidária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi realizado tendo como questão central: Quais as possíveis relações entre a Educação de Jovens e Adultos e a Economia Solidária no processo de autogestão no Assentamento Fazenda Mata no município de Amparo-PB?

No caso em questão, o empreendedorismo popular foi o motor para a organização da Associação, quando o grupo inicial de sete pessoas saiu a procurar um terreno para obter o financiamento para a compra. Diante da necessidade, chegou-se a 29 famílias que fundaram a Associação. A investigação permitiu constatar que os princípios da economia solidária são levados à prática cotidiana no Assentamento Fazenda Mata: democracia, autonomia, autogestão, o cooperativismo, a justiça social e a sustentabilidade.

É justamente nesse sentido que se dá o processo da autogestão, isto é, quando os trabalhadores gerenciam sua própria empresa (neste caso, assentamento) em um regime de democracia, em que não há uma figura de patrão, mas de trabalhadores visando à igualdade de condições para todos através da solidariedade e, assim, das responsabilidades recíprocas no trabalho cooperativo com experiências coletivas participativas. Pensar, planejar e realizar uma política de direitos e deveres em que uma comunidade possa se beneficiar de seu próprio suor de forma justa e valorizada.

Assim, para que tudo isso se concretize e seja possível, faz-se necessário o papel da educação. Pois é através desta que estes indivíduos desenvolvam suas atividades gestionárias, inserindo-os no campo econômico através da conscientização (e reivindicação) de seus direitos e deveres, bem como, nas capacitações e formações gerando aprendizagem, aplicando-a de forma organizada nos seus movimentos sociais e conseqüentemente, em suas lutas na busca de benefícios para a comunidade local na gestão de bens comuns.

No assentamento Fazenda Mata o próprio grupo sentiu a necessidade de recuperar o prédio do grupo escolar que já havia, fazendo uma reforma para que voltasse a ser usado. Lutaram para que o poder público constituísse uma escola naquele local, pois o deslocamento até a cidade dificultaria o estudo. Mais do que uma facilidade para suas vidas, era do **direito à educação** que se tratava.

É de fundamental importância que haja organização para evitar exclusões e desigualdades, uma vez que partem do princípio do processo de autogestão, no qual, a autonomia e a democracia em que todos devem ter o direito de participar em todas as esferas, inclusive, como proprietário e gestor.

O diálogo também é algo característico da educação, à medida que oportuniza a eles, o seu espaço de posicionamento e exposições de opiniões sobre as ações discutidas para a

comunidade. É na verdade, um processo de valorização das relações sociais dos saberes de seus indivíduos. Desalienar e emancipar a mente do trabalhador são um de seus maiores objetivos. Propiciar condições para que estes sujeitos desenvolvam suas habilidades lhes dando oportunidades de uma vida melhor em prol de um aproveitamento significativo das suas atividades no seu cotidiano através de uma prática pedagógica formadora de uma sociedade mais justa e mais solidária sob uma perspectiva de economia que gera emprego e renda.

Por isso, as práticas pedagógicas voltadas para a educação de jovens e adultos, neste sentido, devem estar voltadas para a construção de ideias a respeito da vivência concreta do cotidiano destes indivíduos, para minimizar as dificuldades e transformar sua realidade através de um ensino de qualidade que propicie métodos que facilitem seu campo de atuação. Deve propiciar ao aluno conhecimentos teóricos e práticos, mas também oferecer oportunidades para que ele se ascenda socialmente na construção de um ser crítico-reflexivo.

A escola constituída no assentamento Fazenda Mata para atender a comunidade é profundamente imbricada na vida das pessoas. Nos relatos transparece de modo muito evidente o ato de amorosidade e comunhão entre as pessoas que dela fazem parte.

No que compete à importância da Economia Solidária, observa-se que há uma compreensão por parte dos sócios, da forma como esta deve ser desenvolvida em uma Associação e de como decorrem suas práticas segundo seus princípios. Inclusive, assim as praticam.

De modo geral, seguem os princípios da Economia Solidária, pois priorizam a autonomia e a democracia entre os sócios, sem a figura de um patrão e na igualdade de direitos e de responsabilidades de todos. Não por se caracterizarem como “coitadinhos”, mas sim, por se unirem em busca de um bem comum, precisam de apoios/parcerias para beneficiarem sua comunidade. Assim, consideram a educação importante e fundamental, pois para eles, ela é a porta de acesso ao conhecimento. Conhecimento este, que os preparam não só para a vida, portanto, para a sociedade, mas também como atuar nela, transformando-a. Nesse caso, pelo menos, a realidade no qual estão inseridos.

A EJA pode atuar na formação destes trabalhadores proporcionando com práticas pedagógicas inovadoras e flexíveis o resgate à sua dignidade e por conseguinte, sua valorização desempenhando através da Economia Solidária formas de resistências e sobrevivência dos indivíduos excluídos.

Contudo, Sabe-se que a Economia Solidária está centrada no ser humano situado no seu meio natural visando uma política de partilha e sustentabilidade da vida, realizadas por

trabalhadores excluídos de alguma maneira do mercado capitalista, porém, que tem como intuito um trabalho consciente e voltado para a solidariedade em empreendimentos que se dão nas esferas da produção, da distribuição e do consumo de modo organizado caminho para a democratização do ganho da produção que gira em torno do desenvolvimento das atividades realizadas pelos potenciais do seu trabalho.

Ver na prática, a economia solidária atuar nos espaços da sociedade ainda é difícil. Pois propõe uma nova prática social, então, deve-se ter um entendimento novo dessa prática. Portanto, a única maneira de aprender a construí-la é praticando-a. E esse aprendizado não deve se dá apenas pela imposição da necessidade mas também pela opção consciente de outro modo de produção.

Pensar numa perspectiva de sucesso é pensar na união de todos, pois um empreendimento coletivo exige a efetiva cooperação entre todos que a compõem. Trata-se, em essência, da construção de uma nova sociedade, num aprendizado conjunto que a impulsiona em sua trajetória. Fácil não é, mas torna-se válido destacar que já foi dada a largada, rumo aos mais novos e grandes empreendimentos solidários, resgatando a dignidade humana e sua autonomia e valorizando-a nos campos profissionais e cidadãos.

REFERÊNCIAS

BESERRA, Erivânia. **Práticas da Economia Solidária na Educação de Jovens e Adultos: uma reeducação socioeconômica.** Campina, 2013.

FORUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Publicação Apresentação. FBES: Brasília, 2006.

FREIRE, Paulo. **A concepção <<bancária>> da educação como instrumento da opressão.** Seus pressupostos, sua crítica. IN: Pedagogia do oprimido. Paz e Terra, 2005 (pp. 57- 75)

_____. **A educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a cooperação.** IN: Economia Solidária como práxis pedagógica. Ed,L.: São Paulo, 2009.

NASCIMENTO, Claudio Araujo. **Experimentação autogestionária:** autogestão da pedagogia/pedagogia da autogestão

PRONADOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico, 2 ed, Novo Hamburgo, Feevale, 2013. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/valcinetemacedo/disciplinas/metodologia-do-trabalho-científico/ebook-mtc>. Acesso em 03/11/14.

SILVA, Antônio Josinaldo Soares. **Análise da relação entre Educação e Economia Solidária no Assentamento Fazenda Mata em Amparo -Paraíba.** Sumé –PB [s.n], 2013.

SINGER, Paul. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil.** In: Boaventura de Sousa Santos (org.) Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **A economia solidária como ato pedagógico.** In: KRUPPA, Sonia M. Portella (org.). Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep/MEC, 2005.

VERARDO, Luigi. Economia Solidária e autogestão. Nov. 2003.

VIVIAN, Danise. **A educação de jovens e adultos e a economia solidária.** In: XXIII Seminário Brasileiro, V Congresso Luso-Brasileiro, I Colóquio Ibero- Americano de Política e Administração da Educação, 2007. Porto Alegre - RS. Cadernos ANPAE. Porto Alegre - RS, 2007.

APÊNDICE

Questionário:

- 1- Como se deu o surgimento do Assentamento?**
- 2- Quais foram as lutas/dificuldades enfrentadas?**
- 3- Qual a necessidade de criar a Associação?**
- 4- O que é o Programa “Água Doce”? E quais seus benefícios para a comunidade?**
- 5- O que a Associação entende por Economia Solidária?**
- 6- Como são desenvolvidas as atividades na Associação?**
- 7- Existem reuniões? Com que frequência?**
- 8- A Associação conta com parcerias? Quais?**
- 9- Como se deu a implantação da EJA na comunidade?**
- 10- Quais foram as necessidades/objetivos?**
- 11- Uma vez adquirida, qual a importância da Educação?**
- 12- Como se desenvolvem as aulas?**

ANEXO



A - Imagens da Inauguração do Programa Água Doce no Assentamento Fazenda Mata, no município de Amparo – PB.



B - Imagens da Unidade Demonstrativa do referido Programa.



C - Imagens dos criatórios de peixes. Ao lado direito da foto, o Presidente da Associação.



D - Imagens dos tanques de reservatórios de água e a criação e plantação da Atriplex ou erva-sal.



E - Imagens das turmas de EJA do Ensino Fundamental II e Médio.



F - Imagens da Colação de Grau dos concluintes do EJA Médio.

FONTE: cedidas pelo Presidente da Associação.